

## CAPÍTULO IV

### Relevância Teológica da compreensão da vida

#### Introdução

Na presente parte de nossa reflexão acerca da vida, nosso objetivo fundamental é buscar nos teólogos atuais o aporte de uma reverberação abalizada para o dilema do respeito pela vida em nossos dias. A reconstrução da vida, deve começar pela redescoberta do Deus Trino e Uno, um Deus de amor, de reciprocidade e de vida.<sup>1</sup>

Em face aos desafios humanos atuais que aumentam cotidianamente numa proporção ascendente, torna-se urgente voltar os olhos para a Palavra da Vida, resgatando a dimensão do sagrado que existe em todas as coisas.<sup>2</sup> Pois, se não conseguirmos refazer o caminho de acesso ao sagrado, não garantiremos o futuro da vida na Terra.<sup>3</sup>

Uma reflexão teológica que queira ser adequada para a contemporaneidade, precisa, por um lado, fazer uma crítica e ponderação a todo e qualquer pensamento preponderante quer seja ele, político, social, ecológico ou ideológico e, por outro, necessita clara e urgentemente de perspectivas não somente antropocêntricas que possam servir como ponto de partida para uma postura ética de respeito pela vida capaz de impedir ou limitar a destruição da vida.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Cf. ÁLVAREZ, André S., op. cit., p. 211-212.

<sup>2</sup> Cf. ESTÉVEZ, Eliza. Transformar o Universo numa casa solidária. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis / São Leopoldo, n. 21, 1995, p. 90.

<sup>3</sup> Cf. BOFF, Leonardo. O resgate da dignidade da Terra - a Terra como nova centralidade. *Cadernos Fé e Política*, Petrópolis, n.14, 1996, p. 8.

<sup>4</sup> Cf. UEHLINGER, Christoph. O clamor da terra: perspectivas bíblicas para o tema "Ecologia e Violência". *Revista Concilium*, Petrópolis, n. 5, fasc. 261, 1995, p. 70.

Essa perspectiva deve ser fundamentada numa Ética da sensibilidade, do cuidado e respeito para com toda forma de vida, que coloque a vida que é dom de Deus no centro de tudo. Urge afirmarmos categoricamente que todo ser, quer humano ou não é sacramento de Deus por excelência porque ao ser obra das mãos de Deus, adquire uma dignidade e um valor intrínseco do qual nenhum ser humano pode prescindir.<sup>5</sup>

Temos uma concepção antropocêntrica do mundo, própria da Modernidade, que apresenta o ser humano como o ápice e o coroamento da criação, em detrimento de uma concepção teocêntrica do mundo, típica da Bíblia. Na história da criação o ser humano é certamente a última criatura a aparecer, é pois o último ser criado antes do Sábado e não para o "sétimo dia," momento em que Deus descansa e aprecia toda a sua criação. O sentido do mundo, portanto, não vem somente do ser humano, mas o sentido verdadeiro está em Deus e na sua criação toda.<sup>6</sup>

A idéia panenteísta, originária do judaísmo e das tradições cristãs, ajudará a conceber Deus, a pessoa humana e o mundo em suas mútuas relações e inabitações.<sup>7</sup> Tudo o que existe, existe em Deus, e Deus está em todas as coisas. Todavia, Deus não é idêntico ao Universo, pois o Universo depende de Deus enquanto Deus existe de modo independente do Universo.<sup>8</sup>

#### 4.1

### O mundo compreendido a partir da Trindade

<sup>5</sup>Cf. ALVAREZ, André S. Es la religión judeo-cristiana responsable de la crisis ecológica? *Revista Naturaleza e Gracia*, Puebla, n. 42, 1995, p. 220.

<sup>6</sup>Cf. GIBELLINI, Rosino. O debate teológico sobre a ecologia. *Revista Concilium*, Petrópolis, n. 5, fase. 261, 1995, p.153-154.

<sup>7</sup> Panenteísmo do grego 'pan'- tudo; 'en'- em; 'Theo'- Deus. A palavra proposta pela primeira vez por Karl Chirstian Frederik Krause (1781-1832) indica que a vida divina está em todas as coisas, mas sua natureza é distinta. Cf. VIEIRA, Tarcisio Pedro. *O nosso Deus: um Deus ecológico - por uma compreensão ético-teológica da ecologia*. S. Paulo, Paulus, 1999, p. 54, nota 46.

<sup>8</sup> Cf. GIBELLINI. Rosino, op. cit., p. 160.

Deus enquanto comunidade trinitária apresenta em si mesmo, uma comunhão plena do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Essa relação de comunhão também se estende para com o mundo criado. Na compreensão cristã, a criação é um ato trinitário: o Pai cria através do Filho no Espírito Santo. Portanto, a criação é da Trindade, vem da Trindade, vai para a Trindade, espelha a Trindade, mas não é a Trindade.<sup>9</sup>

Para Dom Tepe o plano da criação é um plano de amor, ligado intrinsecamente ao mistério trinitário. É um transbordar do amor do Pai de quem é gerado o Filho e do qual procede o Espírito Santo. O plano da criação é um transbordamento para fora, para nós que fomos chamados a participar do amor trinitário, a chegar à intimidade com o Pai por Cristo no Espírito Santo.<sup>10</sup>

Num transbordamento livre do seu amor, o Deus eterno sai de si mesmo e produz uma criação, uma realidade que existe assim como ele existe, mas que é diferente dele. Através do Filho, Deus cria, reconcilia e salva a sua criação. Pela força do seu Espírito, Deus está na sua criação. Ele suporta as contradições das suas criaturas e nele já reside a vontade para a reconciliação e para a redenção do mundo através da paciência e de sua esperança.

Aquele que envia o Filho e o Espírito é o criador: o Pai. Aquele que reúne o mundo sob seu poderio libertador e o redime é a palavra da criação: o Filho. Aquele que vivifica o mundo e o deixa participar da eterna vida de Deus é o poder criador: o Espírito. Portanto, a criação existe no Espírito, é cunhada através do Filho e criada a partir do Pai. Ela existe a partir de Deus, através de Deus e em Deus mesmo.

#### 4.1.1

### O Deus Criador e a realização plena

---

<sup>9</sup>Cf. BOFF, Leonardo. *A Trindade e a sociedade*. 4ª ed., Petrópolis, Vozes, 1996. p. 265-267.

<sup>10</sup> Cf. TEPE. V. *Nós somos um - Retiro trinitário*. 8ª. ed., Petrópolis, Vozes, 1997, p. 48.

O Deus criador é a fonte das possibilidades criadoras e das potências para criação e para a realização plena. Na medida em que Deus se determina como o criador do seu mundo, ele se decide a partir da plenitude de suas possibilidades em favor das possibilidades criadoras e contra as possibilidades destruidoras. Nele não se concebe um destruidor de sua criação e aniquilador da sua própria existência como criador.<sup>11</sup>

Ao criar, Deus vê que tudo é bom, porque tudo sai da sua boa palavra, da sua boa decisão, da sua benevolência e bênção.<sup>12</sup> Não se pode conceber um Deus que não seja criador, pois seria imperfeito em relação ao Deus que é eternamente amor. Se o ser eterno de Deus é amar, o amor divino será mais feliz dando do que recebendo, pois Ele não pode ser feliz amando-se, perpetuamente, a si mesmo. Para criar o mundo "fora" de seu próprio ser, o Deus infinito deve preparar um espaço para este ser finito. Somente uma retirada de Deus em si mesmo empresta ao "nada" espaço donde Deus possa criar.

Portanto, a criação não foi colocada fora de Deus, pelo seu poder, mas ela foi colocada dentro dele por seu amor. Como uma mãe abre espaço dentro de seu corpo para um novo ser, Deus, por assim dizer, acolheu dentro de si a criação. Deus não criou o mundo porque é poderoso, mas porque Ele é amor. É por amor e para o amor que Deus criou tudo.<sup>13</sup> Fora de Deus, não existe razão nenhuma que motive a ação divina criadora. Nele se encontra o motivo, a razão da criação, ou seja, um amor gratuito e benevolente.<sup>14</sup>

Segundo a teologia rabínica, ao criar o Universo, Deus se contraiu para dar espaço a alteridade da criação. Trata-se da "kênosis" de Deus já na criação. Esvaziando-se, renunciando e retraindo-se, Deus abre espaço para que exista a multiplicidade das criaturas. Esta "kênosis" se aprofunda ainda mais num segundo momento histórico-criador, quando Deus sai de si, se humilha em Jesus Cristo,

---

<sup>11</sup> Cf. CARMODY, John, op. cit., p. 109.

<sup>12</sup> Cf. SUSIN, Luiz Carlos. O Pai e poeta da criação. in: HACKMANN, Geraldo L. B. (Org.) *Deus Pai*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1999, p. 59.

<sup>12</sup> Cf. MOLTSMANN, Jürgen. *Deus na criação: Doutrina ecológica da criação*. Petrópolis, Vozes, 1993, p. 135-138.

<sup>13</sup> Cf. TEPE, Valfredo, op. cit., p. 45.

<sup>14</sup> Cf. AZCONE, José Luiz. A importância da natureza como lugar da ação de Deus. In: VVAA. *Ecoteologia agostiniana*. São Paulo, Paulus, 1996, p. 38.

vindo buscar e reunir suas criaturas, morando e peregrinando com elas, com os mais humildes da terra.<sup>15</sup>

Portanto, a obra criadora de Deus não compreende tão somente a constituição duma realidade tirada do nada, infinitamente distinta de Deus e infinitamente outra que Deus. Porém, neste mundo se efetua, por milagre do amor divino, a comunicação sobrenatural de Deus mesmo à criatura, de tal maneira que, saindo pessoalmente de Si, Ele assume como própria, na união hipostática, uma realidade criada, aniquilando-se, por assim dizer, e tornando-se criatura.<sup>16</sup>

#### 4.1.2

### **A encarnação do Filho como auto comunicação plena do Deus salvador-criador**

Jesus Cristo é a Palavra decisiva de Deus, a auto comunicação plena do Deus salvador-criador.<sup>17</sup> É mediante esta Palavra que Deus cria o mundo e o ser humano (cf. Jo 1, 1-17) e é, também, mediante ela que Deus se comunica na história da salvação. Enquanto o Logos existia desde a eternidade, todas as coisas vieram à existência num preciso momento temporal e que sem o Verbo não se fez nada do que existe (Jo 1, 3b)<sup>18</sup>

Jesus Cristo é o primogênito da criação, não no sentido de que seja o primeiro a ser criado, já que ele é preexistente e transcende à criação, mas no sentido de que ele tem a primazia sobre tudo quanto foi criado (cf. Cl 1, 15-20). Em Jesus Cristo, imagem plena de Deus, todas as coisas foram criadas, sendo tudo referido a Ele. Por isso, o mundo criado está penetrado da presença de Cristo, cuja

<sup>15</sup>Cf. SUSIN, Luiz Carlos, op. cit., p. 64.

<sup>16</sup> Cf. RAHNER, Karl. *Missão e Graça*. Vol. I. Petrópolis, Vozes, 1974, p. 61.

<sup>17</sup> Cf. RUBIO, Alfonso G. *Unidade na pluralidade*. 2ª ed, São Paulo, Paulinas, 1989, p. 156-158.

<sup>18</sup> Cf. ALVAREZ F., Octavio. *Hacia un ecologismo cristiano. Cuadernos franciscanos*. Santiago del Chile, n. 88, 1989, p. 276.

mediação salvadora tem um caráter cósmico. O mundo, desde o início, tem em Cristo seu sentido e sua consistência.<sup>19</sup>

Deus, o único criador, cria tudo mediante Jesus Cristo, o redentor-salvador Universal, o único Senhor.<sup>20</sup> "Para nós não há mais do que um Deus Pai, de quem tudo procede e para quem nós existimos; e um só Senhor, Jesus Cristo, por quem existem todas as coisas e nós também" (1Cor 8, 6). Ele é o "ser humano autêntico" neste mundo perdido e humano.<sup>21</sup> Portanto, Cristo é o ponto de partida e o ponto de chegada<sup>22</sup> e 'porque o Cristo é ômega, o universo está fisicamente impregnado, até no seu âmago material, da influência de sua natureza sobre-humana.

A presença do Verbo encarnado penetra tudo como um Elemento Universal (Teilhard Chardin).<sup>23</sup> Jesus Cristo é Senhor como Filho encarnado e primogênito das criaturas à direita do Pai (Cf. Rm 8, 29). Desde aí conduz todos os irmãos e irmãs e toda criatura ao Pai.<sup>24</sup> Ele é a imagem de Deus que o Pai proporá como modelo aos homens e mulheres. Ele "sustenta o universo com o poder de sua palavra". Portanto, a conservação do mundo é aplicada a Jesus Cristo (Cf: Hb 1, 1-4).<sup>25</sup> O Mediador da criação é o mediador único da nova criação e da Salvação.<sup>26</sup>

O mundo criado e sustentado mediante Jesus Cristo, encontra nele a realização plena. A função mediadora de Cristo está também presente na plenitude final prometida ao ser humano e ao mundo. Por isso, Ele é o recapitulador de todas as coisas (Cf. Ef 1, 10).<sup>27</sup> Em Cristo, a comunicação de Deus se faz presente na criação. "O mesmo verbo de Deus, por quem todas as coisas foram feitas e que se encarnou e habitou na terra dos seres humanos, entrou como humano na

<sup>19</sup> Cf RUBIO, Alfonso G., op. cit., p. 154-156.

<sup>20</sup> Id; Ibid; p. 153-154.

<sup>21</sup> Cf. MOLTSMANN, Jurgen. *El hombre*. Salamanca, Edic. Sigueme, 1980, p. 1478. "

<sup>22</sup> Cf. AZCONE, José Luiz, op. cit., p. 36

<sup>23</sup> Cf ARCHANJO, José Luíz. *O pensamento vivo de Teilhard de Chardin*. São Paulo, Ed. Martin Claret, 1938, p. 101-102.

<sup>24</sup> Cf. SUSIN, Luis C. *Assim na terra como no céu - brevíssimo sobre escatologia e criação*. Petrópolis, Vozes, 1995, p. 152.

<sup>25</sup> Cf. RUBIO, Alfonso G., op. cit., p. 158

<sup>26</sup> Cf. VIEIRA, Tarcísio Pedro. *O nosso Deus: um Deus ecológico - por uma compreensão ético-teológica da ecologia*, São Paulo, Paulus, 1999, p. 59-60.

<sup>27</sup> Cf. RUBIO, Alfonso G., op. cit., p. 158-159.

história do mundo, assumindo-a em si mesmo e em si recapitulou todas as coisas" (GS 38; paralelo em GS 45).<sup>28</sup>

No ser humano Jesus Cristo, Deus pronunciou plenamente sua palavra criadora e realizou de uma forma definitiva seu plano sobre a criação na ação salvífica de Cristo.<sup>29</sup> A plenitude da presença de Deus entre nós se dá no Mistério da Encarnação. Dizer que Jesus fez sua morada no meio de nós é proclamar a intensidade dos laços de intimidade que Deus quis e quer ter conosco.<sup>30</sup>

### 4.1.3

#### A santificação de toda a criação no Espírito

Os relatos bíblicos começam falando da criação do céu e da terra por Deus, através da indicação "e um vento de Deus pairava sobre as águas" (Gn 1, 2). Isto quer dizer que o Espírito divino ("ruah") é a força criadora e a presença de Deus, sendo toda a criação uma realidade cunhada pelo Espírito. E é o mesmo Espírito que clama pela liberdade redentora da criação escravizada (Cf. Rm 8, 9).

Para Lina Boff, o Espírito é a força atuante do criador e a força vital das criaturas.<sup>31</sup> É o Espírito de cuja força o Pai, pelo Filho, criou o mundo e o mantém contra o nada destruidor: "Retiras sua respiração e eles expiram, voltando ao seu pó. Envias teu sopro e eles são criados, e assim renovas a face da terra" (Sl 104, 29-30). Toda a criação está permeada do espírito de Deus. Segundo ela a presença do Espírito santifica toda a criação de modo que todos os seres são interpenetrados pelo Espírito e é mesmo o Espírito que cria comunidade de fé e se faz protagonista dessa mesma comunidade, agindo nela e no mundo inteiro.

<sup>28</sup> Cf. VIERS, Frederico; KROPPENBURG, Boaventura (Orgs.). *Compêndio do Vaticano II – Constituições, decretos, declarações*, 25ª ed; Petrópolis, Vozes, 1996, p. 181

<sup>29</sup> Cf. SMULDERS, Pieter. *Creación. In: Sacramentum Mundi*, Enciclopedia teologica. Vol. n, 3ª ed., Barcelona, Edit. Herder, 1982-1986, p. 10-11.

<sup>30</sup> Cf. VIEIRA, Tarcísio Pedro, op. cit., p. 55.

<sup>31</sup> Cf. BOFF, Lina. *Espírito e missão na obra de Lucas-Atos para uma Teologia do Espírito*, São Paulo, Paulinas, 1996. A autora faz uma excelente reflexão acerca da presença na criação toda.

Moltmann afirma que Deus é o "amante da vida" e o seu Espírito de vida está em todas as criaturas. O criador, através do seu Espírito, mora na sua criação como um todo e em cada uma das suas criaturas e as mantém unidas e vivas na força do seu Espírito. Ele não está somente contraposto a ela de uma forma transcendente, mas entra nela e nela está de forma imanente. Através das forças e das possibilidades do Espírito, o criador faz morada em suas criaturas, "vivificas-as, mantém-nas na sua existência e as conduz para o futuro do seu Reino."<sup>32</sup>

Deus cria o mundo e logo faz dele sua morada. Ele o chama à existência e, ao mesmo tempo, se manifesta através da sua existência. O mundo vive da sua força criadora e ele vive no mundo. O Deus criador, através de seu Espírito, fixou morada na sua criação, transformando-a em sua pátria. E, assim, mantém vivas as suas criaturas. Por isso, também, Ele sofre junto com os sofrimentos dos seus, partilhando das suas misérias e das suas esperanças, ligado a cada uma delas na alegria e na dor.<sup>33</sup>

Através do seu Espírito, Deus sofre junto as dores da criação. No seu Espírito, Deus experimenta as destruições que na criação acontecem. Ele geme, juntamente com sua criação, por redenção e liberdade (cf. Rm 8, 21). Deus fecunda com seu hálito a criação, por meio da "ruah" que comunica vida. E assim, toda a criação existe no Espírito e através do espírito ela é renovada (cf. Sl 104, 30).

Segundo Moltmann, o Espírito Santo é a fonte da vida. Por isso, tudo o que existe e vive manifesta a presença d'Ele. Ele transforma a comunhão com Deus e entre si na comunhão da criação, na qual todas as criaturas, cada qual a seu modo, se comunicam com Deus. A existência, a vida e a estrutura das inter-relações estão firmadas no Espírito,<sup>34</sup> pois nele vivemos, nos movemos e existimos (At 17, 28).

Tudo se inter-relaciona entre si, por essa força cósmica.<sup>35</sup> Mas, o Espírito de Deus atua no mundo e produz a inter-relação universal sem, contudo,

<sup>32</sup> Cf. MOLTSMANN, Jürgen. *Deus na criação...*, op. cit., p. 28.

<sup>33</sup> Id; Ibid; p. 34-36.

<sup>34</sup> Id; Ibid; p. 30

<sup>35</sup> Id; Ibid; p. 31-32

dissolver-se no mundo. O Espírito cósmico continua Espírito de Deus e torna-se nosso Espírito na medida em que ele atua em nós como força para a vida. Com a infusão do Espírito Santo "em nossos corações" (Rm 5, 5) e "sobre toda carne" (At 2, 17) começa a nova criação, a criação escatológica que será concluída quando Deus for tudo em todos (1Cor 15, 28). Pois, a Terra é solo do Espírito, projetada por Deus para acolher as sementes de seu Reino.<sup>36</sup>

O Espírito, portanto não é um dos poderes de Deus. Conforme a compreensão trinitária cristã, o Espírito é Deus mesmo. Se o espírito cósmico é o Espírito de Deus, então o Universo não pode ser encarado como um sistema fechado. Mas, um sistema aberto para Deus e para o seu futuro.

## 4. 2

### **A obra criadora de Deus como amor transbordante**

Deus criou o Universo não para obter algo que não possuísse como Criador, mas para reproduzir no Cosmos a imagem da sua bondade e onipotência.<sup>37</sup> A criação resulta do amor de Deus, que transborda fora da Trindade para comunicar-se aos outros seres.<sup>38</sup>

É Deus quem dá e quem sustenta a vida de todo o Universo. Sua preocupação por atender às necessidades básicas (comer, beber e vestir) não se restringe ao ser humano, mas se estende a toda a natureza, refletida nos pássaros e nas flores do campo (cf Mt 6, 26. 28). O universo inteiro depende do cuidado amoroso de seu Deus, que não descuida de nenhum ser. Os lírios, por exemplo,

---

<sup>36</sup>Cf. MURAD, Afonso; MAÇANEIRO, Marcial. *A espiritualidade como caminho e mistério*. São Paulo, Loyola, 1999, p. 83.

<sup>37</sup> Cf. AGUILAR. *Miguel. Descoberta da fé*. Petrópolis, Vozes, 1982, p. 87.

<sup>38</sup> Id; Ibid; p. 88

caracterizados por sua fragilidade e vida curta, são vestidos de tal modo que "nem Salomão, em toda sua glória, se vestiu como um deles" (Mt 6, 29).<sup>39</sup>

Criação significa que tudo é completamente obra de Deus. Deus é autor de tudo, o Deus pessoal e salvífico, que se revelou como puro amor e como iniciativa. A criação é uma ação espontânea que brota somente da originalidade do amor. Toda a realidade brota da pura iniciativa deste amor divino.<sup>40</sup> A criação é puro dom de Deus e, como tal, algo gratuito.<sup>41</sup> É teofania, espetáculo de luz e de vozes que proclama a beleza de Deus através de sua própria beleza.<sup>42</sup>

Deus não se confunde com o Universo. O Criador é maior que o Cosmos, permanecendo sempre Outro: presente, mas misterioso; próximo, mas único em sua divindade; criador de tudo e maior que tudo. O Universo não captura Deus, porque é Deus que o contém em sua arte de criar e renovar a vida.<sup>43</sup>

O Universo inteiro é manifestação da presença de Deus, porque testemunha um grande ato de amor e toda a criação revela a glória de Deus.<sup>44</sup> A criação inteira é acolhida como sacramento, como palavra reveladora, como expressão do Deus vivo que chama à vida.<sup>45</sup> Por isso, todos os crentes, de qualquer religião, sempre ouvirão a voz de Deus na linguagem das suas culturas, na linguagem humana (GS 36).<sup>46</sup>

Desde a criação, o mundo é como um livro aberto onde sempre podemos ler os sinais de Deus. Desde a criação, as perfeições invisíveis de Deus tornam-se de certo modo invisíveis através das suas obras (cf. Rm 1). Portanto, olhando para

<sup>39</sup> Cf. ESTÉVEZ, Eliza, *Transformar o Universo...*, op. cit., p. 94

<sup>40</sup> Cf. SMULDERS, Pieter, op. cit., p. 13.

<sup>41</sup> Cf. AZCONE, José Luiz, op. cit., p. 63.

<sup>42</sup> Id; Ibid; p. 39-40

<sup>43</sup> Cf. MURAD, Afonso; MAÇANEIRO, Marcial, op. cit., p. 84.

<sup>44</sup> Cf. SOUZA, Marcelo de Barros. A terra e os céus se casam no louvor - os salmos e a ecologia. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis /São Leopoldo, n. 21, 1995, p. 60.

<sup>45</sup> Cf. ESTÉVEZ LOPEZ, Eliza, Transformar o universo numa casa solidária. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Toda criação geme, Petrópolis /São Leopoldo, n. 21, 1995, p. 91.

<sup>46</sup> Cf. VIERS, Frederico; KLOPPENBURG, Boaventura (Orgs.). *Compêndio do Vaticano II*, op. cit., p. 179.

o mundo, as pessoas deveriam poder reconhecer o poder e a majestade de seu autor.<sup>47</sup>

Bruno forte diz que no jogo da vida do Deus Amor há espaço para a existência da criatura, chamada do nada ao ser e, ao mesmo tempo, envolta pelo amor divino que a fez existir e a sustenta. Para o referido autor o ser existe por causa do Amor.<sup>48</sup> Queiruga afirma que para a criatura, "ser" significa estar sendo trazida à existência do criador que lhe abre espaço e lhe outorga a vida. Isto é, Deus que é amor, dá a existência às criaturas para que sejam mais plenas e felizes possível.<sup>49</sup>

Segundo Latourelle tudo é dom de Deus e ele é o autor do mundo, da natureza humana, da luz que nos permite interpretar o mundo. Se o nosso espírito se eleva para Deus, mais ainda Deus desce a nós pela criação. Dele vem a iniciativa dessa manifestação. O Universo não é simplesmente uma coisa, mas uma criatura um sinal que aponta para seu autor.<sup>50</sup> Potencialmente, todas as coisas são por excelência a revelação do sagrado. São sacramentos, veículos e sinais do Criador que está dentro e para além do próprio Cosmos.<sup>51</sup>

O mistério da criação nos revela um Deus que tira do fundo de si mesmo o mistério da existência de suas criaturas. Assim, todas as criaturas estão enraizadas sempre em Deus.<sup>52</sup> As coisas criadas por Deus estão relacionadas entre si, não somente por terem a mesma origem, mas também por estarem em comunicação mútua todas elas. A interdependência real de cada coisa com o todo nasce da vontade originária do Criador e se objetiva nas relações recíprocas entre os seres particulares, baseadas na natureza de cada uma.<sup>53</sup>

Boff compreende o Universo como um imenso sistema de relações de tudo com tudo em todos os momentos e em todos os lugares, ou seja, é uma grande

---

<sup>47</sup> Cf. LATOURELLE, René. Teologia da revelação. 3ª ed., São Paulo, Paulinas, 1985, p. 445.

<sup>48</sup> Cf. FORTE, Bruno, op. cit., p. 29.

<sup>49</sup> Cf. QUEIRUGA, A. Torres. Recuperar a Criação: por uma religião humanizadora, Paulus, S. Paulo, 1999, p. 45

<sup>50</sup> Cf. LATOURELLE, René, op. cit., p. 447.

<sup>51</sup> Cf. BOFF, Leonardo. *O resgate da dignidade da Terra - a Terra como nova centralidade*, op. cit., p. 9.

<sup>52</sup> Cf. ALVAREZ F., Octavio. *Hacia un ecologismo cristiano*, op. cit., p. 273

<sup>53</sup> Cf. RAHNER, Karl. *Missão e Graça*,... op. cit., p. 59.

rede de inter-relações. Somos todos interdependentes e necessitamos uns dos outros. Todos habitamos o Universo como um evento de comunhão.<sup>54</sup> Para Hahner Deus quis o conjunto da criação como um todo e quis cada ser individual como elemento único no mundo. Pode-se afirmar em sentido verdadeiro com respeito a todo e qualquer ser que nenhuma criatura existiria se Deus não quisesse.<sup>55</sup>

A criação é uma obra histórica e salvífica de Deus, é uma pré-história da aliança.<sup>56</sup> A criação é obra do Deus pessoal que abarca a realidade inteira do mundo, não somente seu começo, mas também a existência total do mesmo até sua consumação, dentro do seu dinamismo.

O agir histórico de Deus está entre a "criação no início" e a "nova criação". É um agir continuamente criador que é preservador e, ao mesmo tempo, inovador. Esse agir histórico de Deus está orientado, escatologicamente, para a salvação da criação.<sup>57</sup> Não somente o "coração" da pessoa está "inquieto até achar descanso em Deus", como dizia Agostinho, mas toda a criação está perpassada por esta inquietude e se transcende a si mesma nesta busca. Pois, a criação, obra da Trindade, somente encontra a sua realização plena, voltando-se ao Criador.<sup>58</sup>

Tudo o que existe, inclusive o ser humano, foi criado para louvor e glória do Criador.<sup>59</sup> Frente à glória da Trindade que aparece na criação, o ser humano deve contemplar e louvar, pois a natureza é também um "evangelho" que nos fala de Deus e é da grandeza e formosura das criaturas que se chega, por analogia, a contemplar o seu Autor<sup>60</sup> (Sab 13, 5).

Todo o Universo é uma tenda em que Deus, ser humano e todas as formas de vida habitam, num contínuo convite à comunhão. No Universo encontramos a Deus, conhecemos a Ele e a nós mesmos, e estabelecemos convivialidade, como

<sup>54</sup> Cf. BOFF, Leonardo. *Ética da vida*, op. cit., p. 30-32.

<sup>55</sup> Cf. RAHNER, Karl. *Missão e Graça*, Vol. I, Petrópolis, Vozes, 1974, p. 59

<sup>56</sup> Cf. SMULDERS, Pieter. *Creación*, op. cit., p. 5.

<sup>57</sup> Cf. FORTE, Bruno. *Trindade para ateus*. S. Paulo, Paulinas, 1999, p. 22.

<sup>58</sup> Cf. AZCONE, José Luiz. *A importância da natureza como lugar da ação de Deus*; op. cit; p. 54.

<sup>59</sup> Cf. ÁLVAREZ, André S. *Es la religión judeo-cristiana responsable de la crisis ecológica?*, op. cit., p. 211.

<sup>60</sup> Cf. JOÃO PAULO II. *La gloria de la Trinidad en la creación*. Palabras de Juan Pablo II durante la Audiencia General, 26 de enero de 2000, Agência Zenit de Información.

peregrinos na mesma tenda. Somente inseridos neste espaço de vida e beleza, podemos conhecer o Criador e nos aproximar dele.<sup>61</sup>

### 4.3

#### O tempo da criação

Deus cria o mundo a partir do seu amor. O Deus uno e trino é amor, por isso, a criação não é uma demonstração do seu poder ilimitado, mas é a comunicação do seu amor sem precedentes. Em seu amor livre, Deus distribui o seu bem, isto é a obra da sua criação. O seu amor o leva a dar algo de si e a criar algo que é diferente dele mesmo.<sup>62</sup>

O mundo não foi criado de uma matéria precedente, nem também se originou a partir de um ser divino. Deus cria o mundo do puro nada. Portanto, o mundo tem começo, ele é temporal, não é eterno.<sup>63</sup> Antes da criação do mundo, Deus decidiu tornar-se seu criador. Nesta autodeterminação de Deus, reside a passagem da eternidade para o tempo. Com esta resolução fundamental, Deus recolheu sua eternidade em si mesmo, a fim de tomar tempo para sua criação e de dá-la o tempo que fosse necessário.<sup>64</sup>

O tempo não é nenhuma categoria da eternidade, mas é determinado através da modificação e do movimento da realidade criada, ou seja, o tempo é a forma criatural dos acontecimentos.

Segundo Santo Agostinho em *De Civ. Dei*, XI, 6.<sup>65</sup>

<sup>61</sup> Cf. MURAD, Afonso; MAÇANEIRO, Marcial, op. cit., p. 85.

<sup>62</sup> Cf. MOLTMANN, Jürgen. *Trinidad y Reino de Dios* ..., op. cit., p. 121.

<sup>63</sup> Cf. AZCONE, José Luiz. *A importância da natureza como lugar da ação de Deus*, op. cit., p. 30-32.

<sup>64</sup> Cf. MOLTMANN, Jürgen, op. cit., p. 122

<sup>65</sup> Cf. MORAN, José (Org.). *Obras de San Augustin*. Coleção "BAC", n. 11, 6ª.ed., Madrid, La Edit. Catolica S.A.,1974.

“O mundo não foi criado no tempo, mas com o tempo. Porque o que acontece no tempo, acontece tanto antes quanto depois de algo. O tempo depois do acontecimento é o passado e o tempo antes dele é o futuro ( ... ) O mundo, porém, foi criado com o tempo, e com ele foi criado o movimento de transformação”

Portanto, a existência concreta do mundo e dos seres não é co-eterna ao Verbo, começa no tempo,<sup>66</sup> mas o transcende. Tudo quanto existe fora de Deus é criatura de Deus. O mundo e o tempo começaram a existir ao mesmo tempo, ou seja, o mundo tem sido criado com o tempo.<sup>67</sup> A criação temporal significa, numa perspectiva trinitária, a manifestação do amor e da comunhão trinitários para aquilo que não é Deus, para o absolutamente diferente, isto é, a criatura.<sup>68</sup>

Von Rad, afirma que o povo hebreu conheceu, primordialmente, a compreensão de tempo como um "kairós". Cada acontecimento tinha o seu tempo. Há o tempo para semear e para colher, o tempo de ter filhos e o tempo de morrer (cf. Ecl 3, 1-8).<sup>69</sup> Motmann, afirma que Israel desenvolve uma concepção de tempo baseada nas promessas aos patriarcas. Israel experimentou seu Deus em acontecimentos únicos, históricos. Depois dos acontecimentos das promessas para Abraão, Isaac e Jacó, o acontecimento do êxodo, no qual Deus se coloca e a partir do qual Israel surge como o povo de Deus. O êxodo é entendido como um acontecimento único do passado, mas que não fica preso somente ao passado. Ele determina os tempos que se sucedem, inaugurando uma nova história.<sup>70</sup>

Com os textos históricos salvíficos (cf. Dt 26,5s; Js 24,3s), Israel conquista a concepção de uma seqüência sucessiva da história. A história é aberta através da promessa e se cumpre com as experiências que o povo fez com a promessa de Deus.<sup>71</sup> Por meio da narração, o povo de Israel torna presente o que passou, a fim de anunciar o que acontecerá. Essa narração desperta a memória dos antepassados a fim de fundamentar a esperança futura.

A experiência profética do tempo é descrita pela escatologização do pensar histórico (G. von Rad). O escatológico é determinado pela promessa do novo

<sup>66</sup>Cf. AZCONE, José Luiz, op. cit., p. 35.

<sup>67</sup> Id; Ibid; p. 64

<sup>68</sup> Cf. BOFF, Leonardo. *A Trindade e a sociedade*, op. cit., p.267.

<sup>69</sup> Cf. VON RAD, Gerhard. *Teologia do Antigo Testamento*, Vol. II, São Paulo, Edit. ASTE, 1974, p. 98-99

<sup>70</sup> Cf. MOLTMANN, Jürgen. *Deus na criação...*, op. cit., p. 180.

<sup>71</sup> Id; Ibid; p. 181

qualitativo. O futuro é uma nova criação de Deus. Ele não é nenhum retorno das origens e nenhuma continuação do passado. O novo criar de Deus trará o novo êxodo (Dêutero-Isaías), a nova Aliança (Jeremias), o novo servo de Deus (Dêutero-Isaías), a nova posse da terra e a nova Jerusalém e, finalmente, o novo céu e a nova terra (Trito-Isaías). Eles descrevem o novo criar de Deus com imagens de tempos antigos, mas o pintam com cores efusivas.<sup>72</sup>

Segundo Moltmann o novo êxodo será uma procissão festiva e não uma fuga noturna. Os atos salvíficos de Deus tornam-se promessas de seus feitos futuros. A literatura apocalíptica nos mostra um rompimento entre passado e futuro, com as dimensões cósmicas. Enquanto presente e passado tornam-se carregados de injustiça e morte, o futuro será de justiça e vida. Há, portanto, uma contraposição entre os dois tempos.<sup>73</sup>

No Novo Testamento, a compreensão messiânica do tempo pressupõe a doutrina apocalíptica dos tempos. Com a chegada do Messias, começa o tempo messiânico. Jesus anuncia que "o Reino de Deus está próximo" (Mc 1, 15). Com ele, "a noite avançou e o dia se aproxima" (Rm 13, 12) e "o fim de todas as coisas está próximo" (1Pd 4, 7). Com a chegada de Cristo irrompeu-se um novo tempo que, contudo, ainda não apareceu em toda a sua grandeza. Portanto, o tempo messiânico ainda não é o tempo do cumprimento universal desse tempo escatológico.<sup>74</sup>

O acontecimento de Cristo, a morte e a ressurreição de Jesus, é compreendido e anunciado como a decisiva virada da história. Crucificação e morte de Jesus marcam o fim do velho tempo. A ressurreição dos "mortos" de Jesus revela o início do novo tempo, da ressurreição e da vida eterna. Neste sentido, Cristo é "o fim da história" e, com ele, chega-se ao fim da história dominada pelo pecado, pela lei e pela morte.

Com a ressurreição de Jesus, é aberto o novo e permanente tempo do mundo. "Se alguém está em Cristo, é nova criatura. Passaram-se as coisas antigas; eis que se fez uma nova realidade" (cf. 2Cor 5, 17). A nova existência da pessoa

<sup>72</sup> Cf. MOLTSMANN, Jürgen. *Deus na criação....*, op. cit., p. 182-183.

<sup>73</sup> Id; Ibid; p. 183

<sup>74</sup> Id; Ibid; p. 184.

sob o poder da justiça e sob a perspectiva da vida eterna é dada à luz. A diferença qualitativa entre um passado que é determinado pelo pecado, pela lei e pela morte e um futuro que é determinado pela graça, pelo amor e pela vida eterna é tão fortemente acentuado que não há continuidade direta entre um e outro. É uma continuidade descontínua.<sup>75</sup>

Portanto, tudo o que acontece é temporal. O tempo atual é determinado pelos acontecimentos. Todo acontecimento tem seu tempo. O tempo histórico é determinado pelas promessas e pelos acontecimentos e pela fidelidade a Deus. O tempo messiânico é determinado pela chegada do Messias e pela nova criação em meio a esse tempo de mundo que passa. O tempo escatológico é determinado pelo rompimento profético com o passado e seu anúncio do futuro novo, diferente. O tempo eterno, finalmente, será o tempo da nova criação, que será eterna no Reino da glória divina, porque Deus não criou o mundo para a morte, mas para a vida e sua glorificação<sup>76</sup>.

#### 4.4

#### **O ser humano na história da criação**

Os relatos da criação são relatos de uma história numa seqüência temporal. Nesta história da criação, a pessoa surge por último. Assim, as criações do céu e da terra, da luz e das trevas, das plantas e dos animais preparam a criação da pessoa humana. Ela é a última criatura e, nessa medida, também a criatura mais elevada, mas ela não é a dona da criação e nem a mais importante.

Sabemos que o sábado é o momento de coroamento com a qual Deus unge a criação que ele avalia como sendo muito boa.<sup>77</sup> Conforme a ordem dos relatos

---

<sup>75</sup> Id; Ibid; p. 186-193.

<sup>76</sup> Id; Ibid; p. 187

<sup>77</sup> Id; Ibid; p. 188

bíblicos, a criação do céu e da terra encontra-se no início e a criação da pessoa humana no fim, antes do Sábado.<sup>78</sup> O segundo relato da criação nos diz que a pessoa humana foi tomada da terra (cf. Gn 2, 7). Isso já é expresso no nome "Adam", a criatura humana feita da terra, formada da "adama", da mãe-terra. Portanto, essa criatura humana está eminentemente ligada à terra e, com sua morte, a ela retorna. Neste mesmo relato, afirma-se que a pessoa humana é "ser vivente", ou seja, um corpo cheio de alma, uma corporalidade animada. No entanto, essa corporalidade animada une as pessoas aos animais, pois também estes são chamados "animados de vida" (Cf. Gn 1, 30).

A palavra hebraica para ser vivente, alma ("néphesch") também significa "respiração". Por isso, aqui está dito que pessoas e animais, sendo criaturas, necessitam mutuamente do ar e vivem do ar. Como os animais, a pessoa humana também precisa de alimentos para a manutenção de sua vida (cf. Gn 1, 29-30). Para a reprodução da sua vida, são-lhes dadas a sexualidade e a fecundidade como sinais da bênção do criador: "Sede fecundos, multiplicai-vos" (Gn 1, 28). Esta bênção também se estende para os animais (cf. Gn 1, 22). Portanto, em comum com os animais, as pessoas têm a "alma viva", o mesmo habitat de vida, a alimentação e a bênção da fecundidade.

Na criação, a pessoa humana não é vista isoladamente e nem tampouco em oposição ao mundo, mas em conexão permanente com toda a criação. Como a última criatura que Deus criou, a pessoa incorpora em si todas as outras criaturas. O complexo sistema pessoa humana contém em si todos os sistemas mais simples da evolução da vida, porque ela foi construída e surgiu a partir deles. Nesse sentido, eles estão presentes na pessoa, assim como ela também precisa deles. Esta conclusão levou Teilhard Chardin a afirmar que "a Humanidade é verdadeiramente a Terra hominizada."<sup>79</sup>

O ser humano é criatura entre as criaturas. A singularidade da sua condição reside em ser co-participante do saber de Deus. Nele a criação se tornou

<sup>78</sup>Para Moltmann quando nos referimos ao sábado devemos fazê-lo de modo simbólico. O Sábado, todavia, deve ser entendido como o momento de reflexão e de glorificação a Deus pelo dom da vida e das criaturas. Cf. Cf. MOLTSMANN, J. Deus na criação op. cit., p. 394

<sup>79</sup> Cf. ARCHANJO, José Luiz. *O pensamento vivo de Teilhard de Chardin*. S. Paulo, Ed. Martin Claret, 1988, p. 93.

consciente. Como co-participante do saber de Deus o ser humano é envolvido mais profunda e radicalmente no evento criacional do que poderia sê-lo qualquer outra criatura. Ele possui consciência do amor, extensivo a toda criatura e dessa consciência surge nele a capacidade e o dever da solidariedade humana e da co-criaturalidade.<sup>80</sup>

A revelação bíblica nos ensina que quando Deus criou o ser humano, o colocou no jardim do Éden para que o cultivasse e o cuidasse (cf. Gn 2, 15) e dele fizesse uso (cf. Gn 2, 16); indicou-lhe alguns limites (cf. Gn 2, 17) que recordariam sempre que Deus é o Senhor e criador, e dele é a terra e tudo que nela existe e que ele a pode usar, não como dono absoluto, mas como guardião.<sup>81</sup>

O Deus da paz é Deus de paz também com a natureza, que pede outro tipo de relacionamento com a vida, onde o ser humano não é o "dono e senhor", mas o irmão mais inteligente, que deve cuidar de todos os outros seres.<sup>82</sup> Como os animais, as plantas, as árvores, as fontes ... , o ser humano recebeu a existência do mesmo Criador. Portanto, ser criatura é o vínculo fundamental do homem e da mulher com a imensidade da obra criadora e é a base sobre a qual assenta uma teia solidária de relações.<sup>83</sup> O ser humano, na medida em que realiza a comunhão e estabelece relações de doação e acolhida, se faz imagem da Trindade.<sup>84</sup>

Segundo o relato da criação, a pessoa humana é um ser comunitário que necessita de ajuda: "Não é bom que o ser humano esteja só. Vou fazer uma auxiliar que lhe corresponda" (Gn 2,18). Isso é dito apenas em relação às pessoas. Como imagem e semelhança de Deus, a pessoa humana é, desde o início, um ser social. Ela não pode ser vivida isoladamente, mas em uma teia integrada humana.

As pessoas devem exercer o "domínio" divinamente legitimado apenas como "imagem de Deus", como pessoas que são iguais entre si e na sua comunhão humana. Não às custas da cisão da pessoa humana em espírito e corpo, nem às

<sup>80</sup>Cf. ALTNER, Günter. Comunidade criacional e reorientação biocêntrica do direito - novo pacto de gerações. *Revista Concilium*, Petrópolis, n. 4, fasc. 236, 1991, p. 60.

<sup>81</sup>Cf. CELAM, Conclusões da IV Conferência do Episcopado Latino-Americano - Santo Domingo. São Paulo, Paulinas, 1992, p. 157.

<sup>82</sup> Cf. VIGIL, José Maria. O Deus da guerra e o Deus da paz justa. *Revista Concilium*. Petrópolis, Vozes, n. 2, fase. 290, 2001, p. 105.

<sup>83</sup> Cf. ESTÉVEZ, Eliza, op. cit., p. 97.

<sup>84</sup> Cf. BOFF, Leonardo. *A Trindade e a sociedade*, op. cit., p. 271.

custas da divisão das pessoas em dominadores e súditos, e nem às custas da divisão da humanidade em classes distintas, ou seja, entre pobres e excluídos que vivem uma vida de miséria e ricos que levam uma vida de luxuosa e cheia de opulência.

A vida humana, necessariamente, é vida comunitária, comunicação em comunhão. A Vida é essencialmente relação e intercâmbio. Vida humana é o que acontece "entre" os indivíduos. Se isolarmos a vida humana individual da vida natural e social, então nós a estamos matando. Por isso, Deus, por força do seu Espírito, une os indivíduos numa esfera comunitária, tornando-os pessoas humanas.

A humanidade da vida humana claramente está ligada diretamente àquele interesse de vida que chamamos de amor. Somente uma vida que ama, que é aceita e é afirmada no amor é uma vida humanamente vivida. Pois é da vontade divina que todos tenham vida e a tenham em abundância (cf. Jo 10, 10).

Irineu de Lyon afirma que a glória de Deus é o ser humano vivo ( cf. Adv. Haer., IV, 20,1).<sup>85</sup> Portanto, a presença de Deus só pode ter sentido e meta se afirmar e confirmar de imediato sua plenitude. Um Deus que cria para a plenitude da vida tem prazer na felicidade de suas criaturas (cf. Pr 8, 31).<sup>86</sup>

Assim o ser humano, idealizado e eleito em Jesus Cristo, deveria realizar-se como imagem de Deus, refletindo em si mesmo e na convivência com seus irmãos e irmãs o mistério divino da comunhão, através de uma atuação que chegue a transformar o mundo num espaço possível de convivência fraterna, sem exclusões e vida plena para todos.<sup>87</sup>

<sup>85</sup>Cf. IRINEU, Santo, Bispo de Lião, Livros I, II, III, IV, V. *Coleção Patristica*. São Paulo, Paulus, 1995, p. 433.

<sup>86</sup> Cf. QUEIRUGA. Andrés Torres, op. cit., São Paulo, p. 78.

<sup>87</sup>Cf. CELAM, III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano: Puebla. 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 1979, p. 96.

## 4.5

### O ser humano é chamado a ser imagem de Deus na criação

Para os escritores bíblicos, o mundo não constitui um Cosmos estático que tenha sido criado de uma só vez, mas a criação é uma promessa, orientada para o cumprimento. Por isso, a palavra "bara" pode significar tanto a criação primeira como as ações históricas de Deus e inclusive o ato escatológico da salvação. A fé na criação não é uma mera protologia. A ação criadora de Deus é um ato presente e se mantém fiel a si mesma, tendo em vista a salvação escatológica.<sup>88</sup>

A experiência da salvação não versa somente sobre a "minha" salvação ou a "nossa" salvação. Mas, versa sobre a salvação de tudo e de todos os seres. Tanto Israel como o cristianismo interpretaram a obra criadora no sentido soteriológico e escatológico. Na experiência particular se esconde sempre o significado universal, pois do contrário não seria experiência da salvação.<sup>89</sup> Os escritos proféticos refletem a esperança messiânica num novo êxodo que trará a liberdade definitiva e expressam, ao mesmo tempo, a esperança escatológica<sup>90</sup> na superação definitiva do caos e em sua transfiguração divina.

Todo o anúncio e ação de Jesus estavam direcionados para a mensagem central do Reino. Para isso, ele usava de uma linguagem voltada para a crença nos patriarcas e na ação criadora de Deus. E, em suas parábolas, Jesus observou com carinho os fenômenos da natureza, o convívio do ser humano e dos animais e a atuação humana no meio ambiente (cf. Mt 13; 18, 12-14; 20, 1-16).<sup>91</sup> Dessa forma, Jesus proclamava o Deus de Israel como aquele que se preocupa com a vida e com o bem-estar de sua criação.

Distinguindo-se de muitas correntes apocalípticas judaico-primitivas e sapienciais helenistas, Jesus não pregou um Deus que reina num lugar distante e inacessível, nem um Deus que interfere na história somente no tempo final depois

<sup>88</sup> Cf. SMUIDERS, Pieter, op. cit., p. 7

<sup>89</sup> Cf. VON RAD, Gerhard. *Teologia do Antigo Testamento*, Vol. I, São Paulo, Ed. ASTE, 1973, p. 144

<sup>90</sup> Cf. MOLTSMANN, Jürgen., *Teologia de la esperanza*, Salamanca, 1981.

<sup>91</sup> Cf. RAJA, R. J., Jesus the Ecologist. *Vidyajyoti - Journal of Theological Reflection*, New Delhi, Vol. LVIII, n. 5, May 1994, p. 273-279.

do fim deste mundo, e sim, a Javé, seu Pai, como o Deus que, aqui e agora, supre as necessidades de todos.<sup>92</sup>

Eliza Estévez, afirma que o Evangelho nos coloca perante um Deus solidário com nossa condição de criaturas e que nos convida a entrar com confiança na dinâmica do Reino.<sup>93</sup> No Reino de Deus, Deus estará revelado de forma direta e universal, através de si mesmo, e a criação com todas as suas criaturas participará de forma direta e imediata da sua vida eterna. A distância do criador em relação às suas criaturas deixará de existir quando o criador habitar na sua criação, sem que desapareça a distinção entre um e outro.

Para Rodriguez, a transformação final do mundo significa uma recriação que destrua as estruturas injustas deste mundo e recrie a harmonia original entre os seres humanos, Deus e o Cosmos. Esta recriação pode se antecipar na luta pela justiça e a conversão da natureza enquanto casa comum que Deus criou para todos.<sup>94</sup>

Rahner afirma que a realidade criada faz parte da realidade da redenção. A redenção está incluída na criação.<sup>95</sup> Em Rm 8,22-23, o pensamento paulino não é somente de uma salvação individual, mas social e ecológica. Não estará completa a libertação do ser humano se não se produz, ao mesmo tempo, a libertação de tudo o que o rodeia.<sup>96</sup>

A salvação-libertação do ser humano, no Novo Testamento, não está separada da salvação do mundo do qual o ser humano faz parte. O compromisso cristão pela libertação integral da pessoa humana inclui ineludivelmente o mundo e todas as outras formas de vida.<sup>97</sup> A salvação do ser humano será fruto de uma

<sup>92</sup> Cf. SATILER, Dorothea; SCHNEIDER, Theodor. Doutrina da Criação, In: SCHNEIDER, Theodor (Org.) *Manual de Dogmática*, Vol. 1. Petrópolis, Vozes, 2000, p. 136.

<sup>93</sup> ESTÉVEZ, Eliza. *Transformar o Universo numa casa solidária...*, op. cit., p. 95-98.

<sup>94</sup> Cf. RODRIGUEZ, Raul H. Lugo. Fim do mundo: destruição ou recriação? Estudo sobre 2 Pd 3,5-13. In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis / São Leopoldo, n. 21, 1995, p. 108.

<sup>95</sup> Cf. RAHNER, Karl. *Missão e Graça...*, op. cit., p. 62

<sup>96</sup> Cf. ÁLVAREZ, André S. Es la religión judeo-cristiana responsable de la crisis ecológica? ... , op. cit., p. 229-230..

<sup>97</sup> Cf. VIEIRA, Tarcísio Pedro. *O nosso Deus: um Deus ecológico ...*, op. cit., p. 44-45.

resposta ética comprometida, de seguimento, de abertura à graça e ao amor incomensurável de Deus.<sup>98</sup>

A deterioração do ecossistema é uma mostra de que os valores do Evangelho não conseguiram penetrar no complexo mundo de nossas relações inter-humanas e com a natureza.<sup>99</sup> Faz-se necessário uma mudança de mentalidade, com uma responsabilidade maior frente ao desastre da vida a que estamos presenciando.

Segundo Agostini, o ser humano vai muito além do próprio subsistema dos seres vivos. Isto nos convida a alargar a nossa visão acerca da ética.<sup>100</sup> A moral convencional é utilitarista e antropocêntrica e faz da Terra um mero depósito de recursos para satisfazer os desejos humanos, sem o sentido de respeito à alteridade e aos direitos dos demais seres da natureza. O que se pede hoje é uma ética respeitosa que busque a salvaguarda do planeta e de todos os seus sistemas, a defesa e a promoção da vida a partir daqueles seres mais ameaçados e excluídos.<sup>101</sup>

Torre<sup>102</sup>, pensadora da ecologia e moral, ressalta que nós não somos donos da natureza, somos parte dela e, portanto, co-responsáveis pela manutenção do equilíbrio do meio em que vivemos. Nós vivemos melhor quando renunciamos ao "estar sobre" para "estar junto" com os outros, quando impomos limites aos nossos próprios desejos em nome do equilíbrio e harmonia. Só assim poderemos descobrir que não somos apenas um ser de desejos egoístas, mas também um ser de solidariedade e comunhão.<sup>103</sup> Poderemos conservar a natureza somente se agirmos impulsionados por um amor alimentado pelo reconhecimento de seu

<sup>98</sup> Id; Ibid; p. 144

<sup>99</sup> Cf. RODRIGUEZ, Raul H. Lugo. *Fim do mundo: destruição ou recriação?*; op. cit., p. 120.

<sup>100</sup> Cf. AGOSTINI, Nilo. *Teologia moral*. 2a ed., Petrópolis, Ed. Vozes, 1998, p. 219. 513

<sup>101</sup> Cf. BOFF, Leonardo. *O resgate da dignidade da Terra ...*, op. cit., p. 36.

<sup>102</sup> Maria Antonieta La Torre é licenciada em Filosofia pela Universidad Napoles, está ativamente comprometida com as investigações sobre a história do pensamento europeu contemporâneo e mundial, pesquisa também acerca das dimensões da ética e da filosofia na história e analisa a possibilidade de uma elaboração ecológica. Um dos seus trabalhos mais relevantes é *Ecologia y moral. La irrupcion de la instancia ecológica em la ética de occidente*.

<sup>103</sup> Cf. SUNG, Jung Mo; SILVA, Josué Cândido da. *Conversando sobre ética ...*, op. cit., p. 92.

valor autônomo, que não seja o " valor de mercado." Para isso, é preciso uma revolução da consciência, uma revolução social, cultural e religiosa.<sup>104</sup>

A Terra é uma totalidade orgânica na qual cada elemento está em estreita relação com os demais.<sup>105</sup> O ser humano e o mundo não podem ser pensados separadamente. Ambos fazem parte do processo dinâmico da obra criadora, como projeto indissociável de Deus.<sup>106</sup>

Boff, diz que nós necessitamos de uma nova postura ética, uma ética do cuidado e do respeito que encontre outra centralidade, ela deverá ser biocêntrica tendo em vista o equilíbrio de toda a comunidade terrestre. Uma tarefa fundamental consiste em refazer a aliança destruída entre o ser humano e a natureza e a aliança entre as pessoas e povos para que sejam aliados uns dos outros de modo fraterno, justo e solidário. O futuro disso é a paz, a harmonia e o pleno desenvolvimento da vida.<sup>107</sup>

Quando falamos de uma consciência biocêntrica ou ecocêntrica, centrada no "oikos", ou seja, a criação toda, donde vem o termo ecologia, não podemos perder de vista a necessidade de uma ética fundamental e coerente da vida humana,<sup>108</sup> pois, o grande desafio do sociedade contemporânea está em pensar a ética em relação à capacidade humana de ordenar as suas diversas relações a favor de uma vida digna para todos.<sup>109</sup>

Na atualidade é necessário uma nova ética fundada na sensibilidade expressa pelo cuidado, pela responsabilidade social e ecológica, pela solidariedade generacional e pela compaixão,<sup>110</sup> e que busque construir uma civilização planetária que supere qualquer forma de exclusão.

<sup>104</sup>Cf. TORRE, M. Antonietta. *La Ecología y moral: La irrupcion de la instancia ecológica em la ética de occidente*. Bilbao, Declee de Brouwer, 1993 (Coleção Cristianismo y Sociedade 29). p. 86.

<sup>105</sup> Cf. TORRE, M. Antonietta. *La Ecología y moral ...*, op. cit., p. 87.

<sup>106</sup> Cf. AGOSTINI, Nilo. *Ecologia, ética e teologia*. In: SILVA. José Alamiro A Silva. *Questão energética ...*, p. 91-93. .

<sup>107</sup> Cf. BOFF, Leonardo. *Ecologia, mundialização, espiritualidade...*, op. cit., p. 35

<sup>108</sup> Cf. AGOSTINI, Nilo. *Genoma humano e ética ..*, op. cit., p. 631.

<sup>109</sup>Cf. MORAIS, R. de, *Ética e vida social contemporânea, Tempo e Presença*, nº. 263, mai/jun 1992, p. 4 -5

<sup>110</sup> Cf. BOFF, Leonardo. *Ethos mundial...*, op. cit., p. 20.

Precisamos de um novo paradigma de re-encantamento pela natureza e de compaixão pelos pobres que sofrem; uma nova ternura para com a vida e um sentimento autêntico de pertença amorosa à Terra. Para isso, importa construir um novo "ethos" que permita uma nova convivência entre os humanos e os demais seres da comunidade biótica, planetária e cósmica; que propicie um novo encantamento face à majestade do Universo, à complexidade das relações que sustentam todos e cada um dos seres.<sup>111</sup>

Se a humanidade quiser colocar ordem na sua "casa" é preciso que passe das preocupações quantitativas para as qualitativas; da competitividade para a complementaridade; da política de mando para a política participativa; da rivalidade para a colaboração.<sup>112</sup> E, para cuidar do planeta, precisamos todos passar por uma alfabetização ecológica e aprender a viver de forma sustentável, satisfazendo as nossas necessidades humanas, sem sacrificar a natureza.<sup>113</sup>

Faz-se, pois necessário uma re-educação da humanidade, para que possa ao mesmo tempo satisfazer suas necessidades com a exuberância da natureza e chegar a uma convivência pacífica com ela, pois, não somos meros habitantes da Terra, mas seus filhos e filhas.<sup>114</sup> É preciso uma nova compreensão do próprio ser humano, um modo diferente de construir o discurso ético e uma visão renovada da natureza como criação de Deus.<sup>115</sup>

Na prática, a sociedade deve mostrar-se capaz de assumir novos hábitos e de projetar um tipo de desenvolvimento que cultive o cuidado com o equilíbrio da natureza e funcione dentro de determinados limites. Para isso, importa desenvolver uma atitude atenta de escuta, um sentimento profundo de identificação com a natureza, com suas mudanças e estabilidades.<sup>116</sup> Precisamos construir um novo "ethos" uma nova morada, uma nova identidade que nos permita resgatar o senso de cordialidade e de respeito para com a terra e para com seus habitantes.

<sup>111</sup> Cf. BOFF, Leonardo. *Saber cuidar ...*, op. cit., p. 25 - 27.

<sup>112</sup> Cf. MOSER, Antônio. *Ecologia: perspectiva ética ...*, op. cit., p. 21.

<sup>113</sup> Cf. BOFF, Leonardo. Planeta Terra, ecologia e ética. In: ARRUDA, Marcos; BOFF, Leonardo. *Globalização: desafios socioeconômicos, éticos e educativos*. Ed. Vozes, Petrópolis, 2000, p. 112

<sup>114</sup> Cf. BOFF, Leonardo. *Ética da vida ...*, op. cit., p. 93.

<sup>115</sup> Cf. JUNGES, José Roque. *Ética ecológica ...*, op. cit., p. 48.

<sup>116</sup> Cf. BOFF, Leonardo. *Saber cuidar ...*, op. cit., p. 137; 116.

Capra afirma que é necessário uma ética que esteja alicerçada em valores "ecocêntricos" centralizados na Terra. Uma nova visão de mundo que inclua o reconhecimento do valor inerente da vida humana e não-humana. Todos os seres vivos são membros de comunidades ecológicas ligadas umas às outras numa rede de interdependências intro-retro-relacionadas. Quando essa percepção ecológica tornar-se parte de nossa consciência cotidiana, poderá existir um sistema de convivência radicalmente novo<sup>117</sup>.

Para Agostini, todavia só existirá um resgate da criação na medida em que formos capazes de embasar o nosso ser e estar no mundo por meio de uma comunhão "ecocêntrica", ou melhor, ousamos dizer "bioecocêntrica". Nesta comunhão, seremos parte de uma rede de relações, nas quais o próprio Criador faz-se presente na criação.<sup>118</sup>

A atitude fundamental nossa é abrir-se à vida, defendendo-a, promovendo-a, porém sem perder de vista o que está além do subsistema vida. Aí entra toda a natureza inanimada como os minerais, a atmosfera, a água, etc; sem deixar de captar o outro lado da realidade, a Realidade última, que é Deus. Nesta comunhão bioecocêntrica nada existe fora da relação, pois tudo implica em tudo.

Boff, afirma que é urgente uma ética do respeito pela vida que assuma o compromisso pelos oprimidos e por um novo tipo de sociedade, na qual seja superada a exploração do ser humano e a espoliação Terra.<sup>119</sup>

Regidor pensa que essa visão ética deverá ser capaz de apelar à conversão pessoal, à mudança profunda da mentalidade predatória, colonialista e machista, competitiva e consumista, presentes na sociedade hodierna e que justificou a desestruturação dos valores da vida; e também deve apelar à conversão social, à transformação radical das estruturas sociais e políticas e, por conseguinte, dos

<sup>117</sup> CAPRA, Fritjof. *A teia da vida - uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*, São Paulo, Cultrix, 1996, p. 28

<sup>118</sup> Cf. AGOSTINI, Nilo. *Teologia moral ...*, op. cit., p. 213.

<sup>119</sup> Cf. BOFF, Leonardo. *Saber cuidar ...*, op. cit., p. 141-142

modos de produção, que influenciam no empobrecimento dos povos e na degradação da vida.<sup>120</sup>

Urge invocarmos hoje um novo paradigma de relação de respeito como um meio possível de salvação de toda a vida terrestre.<sup>121</sup> Torna-se urgente que nós mudemos as nossas concepções. Desta nova ótica surgirá uma ética de responsabilidade partilhada<sup>122</sup> que seja capaz de solidarizar-se com outros os seres vivos ameaçados e em processo de extinção sistemática. Pois, todos eles possuem subjetividade, são seres de direitos, convivem com os seres humanos e participam do mesmo destino comum. Ao utilitarismo vastamente difundido de nossa cultura da eficiência e do lucro, devemos propor uma ética da justiça solidária, da liberdade e igualdade de oportunidade para todos.<sup>123</sup>

Boff, afirma que é possível uma ética que busque a harmonia, o respeito e a veneração entre os seres e não a vantagem do ser humano. O princípio norteador desta ética segundo Leonardo Boff, deve ser o seguinte:

“Tudo o que conserva e promove todos os seres é bom, especialmente os vivos e, dentre os eles os mais fracos; mau é tudo o que prejudica, diminui e faz desaparecer os seres.” Portanto, a "ilimitada responsabilidade por tudo o que existe e vive é a premissa fundamental desse novo sistema.”<sup>124</sup>

Para o mesmo Leonardo Boff, faz-se urgente uma postura de respeito pela vida, embasada numa atitude capaz de criar novas formas de comportar-se nas relações entre as pessoas e a natureza: passar do estar sobre as coisas e as outras pessoas, dentro de uma lógica de posse, de domínio, de violência e de crescimento ilimitado, para a lógica do respeito e da comunhão, ou seja, para o estar com as coisas e as pessoas.

Segundo Regidor, devemos passar para a lógica do reconhecimento e do respeito mútuo, da consciência do limite, da comunhão e da busca da justiça social e da justiça ecológica, para respeitar e promover a vida dos pobres e da

<sup>120</sup> Cf. REGIDOR, José Ramos. *Premissas para uma teologia ...*, op. cit., p. 112

<sup>121</sup> Cf. BOFF, Leonardo. *Qué significa ser y sentirse Tierra?* op. cit., p. 30-32.

<sup>122</sup> Cf. BOFF, Leonardo. *Planeta Terra, ecologia e ética ...*, op. cit., p. 104

<sup>123</sup> Cf. BOFF, Leonardo. *Ética da vida*. op. cit., p. 121 - 122.

<sup>124</sup> Cf. BOFF, Leonardo. *Ecologia, mundialização, espiritualidade.*, op. cit., p.35.

natureza, com o objetivo de construir uma sociedade na qual haja cada vez menos a pobreza e cada vez mais vida.<sup>125</sup>

É de singular importância a construção de uma ética que nos permita viver harmoniosamente sobre a Terra, e que se baseie no sentido de respeito e de cordialidade pela Terra e pelos seus habitantes. Tal ética somente poderá surgir a partir da superação da visão de mundo que tentou reduzir todos os seres à condição de objetos cujo valor reside no lucro que podem produzir. Isso implica uma mudança de concepção em nossa maneira de compreender a nossa identidade enquanto humanos e o nosso lugar no Cosmos, o nosso lugar entre os outros seres e a nossa relação com o Transcendente.<sup>126</sup>

Essa postura nova poderia ser chamada de “bioecocêntrica” que teria como virtude fundamental a solidariedade, no sentido de se buscar produzir e reproduzir a vida humana e a dos demais seres vivos num equilíbrio natural. Para isso, faz-se necessário, superar nosso antropocentrismo, limitar a violência contra a natureza presente no paradigma de desenvolvimento ilimitado, acolher a alteridade dos demais seres da criação e desenvolver a reverência em face da totalidade da vida.

É necessário também, uma benevolência e o resgate de um encantamento perdido pelo processo de tecnicização e secularização diante da vida.<sup>127</sup> Sonhamos com um sistema diferente, mais justo socialmente, economicamente mais equitativo e ecologicamente viável.<sup>128</sup>

## **A modo de conclusão**

É altamente relevante considerarmos as grandes conquistas da Modernidade nos diversos campos da vida social: emergência da subjetividade, a

---

<sup>125</sup> Cf. REGIDOR, José Ramos. *Ressarcir os povos e a natureza ..*, op. cit., p. 31- 32

<sup>126</sup> Cf. UNGER, Nancy Mangabeira. *O encantamento do humano ...*, op. cit., p.71.

<sup>127</sup> Cf. BOFF, Leonardo. *Ética da vida ...*, op. cit., p. 59.

<sup>128</sup> Cf. SANTA ANA, Júlio de. O sistema socioeconômico atual como causa do desequilíbrio e da pobreza. *Revista Concilium*, Petrópolis, n. 5, fase. 261, 1995, p. 19.

ampliação dos horizontes da liberdade, a noção de sujeito, a percepção crítica da sociedade e da história, a consciência feminina, os direitos humanos, a luta secular pela democracia e a cidadania, e até a imensa contribuição das ciências e da tecnologia. Porém, a Modernidade atrelou o ser humano ao dogma da racionalidade instrumental e aos mecanismos da economia de mercado. Conseqüentemente, hoje somos ameaçados pelo modo de pensar quantitativo, produtivista, consumista e impessoal a serviço do projeto de dominação da natureza e da sociedade.

Vivemos hoje uma realidade de mundo que se caracteriza por uma ética do provisório e da imediatez. Uma ética da economia de mercado que considera o comportamento utilitarista do ser humano como o móvel de toda atividade econômica. Com isso, ocorre uma compreensão de mundo alienada da base natural de recursos, que supõe os problemas ambientais como de uma índole suscetível de tratamento pelas regras de funcionamento dos mercados.

O desequilíbrio da natureza é reflexo deste atual estado social do mundo. Os ruídos, o lixo, a contaminação do ar e das águas são conseqüências deste processo, gerando uma profunda crise ambiental. Um dos maiores desafios está na pobreza e na miséria, produzidas pela forma como a sociedade se organiza e segrega seus membros.

Surpreendentes contrastes caracterizam a situação do mundo atual. Uma minoria da população do planeta possui uma grande capacidade de acumulação de riquezas que lhe permite gozar de um exagerado bem-estar, enquanto uma grande parte dos habitantes do globo luta para sobreviver em condições de indigência.

As grandes concentrações de pessoas nas cidades, além de gerar problemas de poluição do ar e da água, geram também a poluição sonora, surgimento de favelas, inexistência de saneamento básico, aumento da criminalidade, etc. A utilização do solo, de uma forma desregrada e irresponsável, gera um desequilíbrio no ambiente natural levando à destruição de ecossistemas estáveis e conseqüentemente às diversas formas de vida.

Ao observarmos a destruição da flora e da fauna, percebemos que as conseqüências são enormes, como o extermínio de várias espécies de vegetais e animais, enchentes, diminuição da umidade do solo, erosão, etc. Há uma escandalosa agressão à natureza e sua conseqüente depredação através do desmatamento incontrolado, das queimadas, da pesca predatória, da poluição de todas as formas, do abuso de agrotóxicos que levam uma ameaça à sobrevivência humana. Constatamos, assim, que a espécie humana se tornou uma crescente ameaça à sobrevivência do planeta. Ela se tornou um vírus destruidor.

Ante os desafios ambientais torna-se urgente resgatar a dimensão do sagrado que existe em todas as coisas, pois a criação resulta do amor de Deus. Tudo é completamente obra de Deus, uma ação espontânea que brota da originalidade do seu amor incondicional. A criação é puro dom de Deus e, como tal, é algo gratuito. O Deus uno e trino é essencialmente amor, por isso, a criação não é uma demonstração do seu poder sem limites, mas a comunicação do seu amor sem precedentes.

Os relatos da criação são relatos de um processo histórico numa seqüência temporal, na qual a pessoa humana surge por último. Assim, as criações do céu e da terra, da luz e da escuridão, das plantas e dos animais preparam a criação da pessoa humana. A criatura humana, feita da mãe-terra, recebeu a condição singular de participante do saber de Deus. Por isso, como imagem de Deus, diante da comunhão da criação, as pessoas humanas devem intervir a favor de Deus, sendo representantes d'Ele na terra. E, como "imagem do mundo", ela está representando todas as outras criaturas diante de Deus. Dessa forma, as pessoas devem se apresentar diante de Deus em prol da comunhão integral da criação.

Nossa época está pedindo uma nova consciência do lugar do ser humano no mundo. As relações sociais hoje a nível mundial são de grande destrutividade da natureza e de grande exclusão social. O reconhecimento do direito da natureza, em sua dimensão de co-criaturalidade exige que se entenda como dever acatar os direitos das criaturas, respeitando-as. Daí torna-se imprescindível alimentar um respeito pela natureza, revalorizando o mundo não humano em seu "valor intrínseco" e reconsiderando o lugar do ser humano entre os demais seres. Pelo

fato de existirmos, temos um dever para com o futuro da humanidade e para com toda a vida no presente.

O ser humano é responsável, ou seja, chamado a responder pela própria vida, pelas relações inter-humanas e pela natureza, diante de Deus. Portanto, a responsabilidade com a criação é condição genuína do ser humano, inseparável da contemplação da natureza, que hoje há de estender-se à realidade global da vida na Terra. Para isso, faz-se necessário uma nova ética, uma ética do respeito e do cuidado.

A mentalidade moderna vê o ser humano como independente e desconectado do seu ambiente vital, posicionado acima e diante da natureza reduzida a objeto. Apoiado nas ciências e na tecnologia, o ser humano passou a considerar-se sempre mais como centro isolado do Universo, o "rei da criação". Em nossos dias, na era da subjetividade e do domínio mecanicista do mundo chegou aos limites definitivos através da contínua destruição da natureza, com uma concepção ética utilitarista e antropocêntrica.

Faz-se necessário reestruturar o nosso modo de vida e desenvolvimento que incidem de maneira agressiva e destrutiva na dinâmica e no equilíbrio da vida. O mundo é muito mais do que o ambiente próprio do ser humano e vai muito além do próprio subsistema dos seres vivos. Isto nos convida a alargarmos a visão da ética.

Nós não somos donos da natureza, somos parte dela e, portanto, co-responsáveis pela manutenção do equilíbrio social, político, econômico e ecológico. Se tivermos a percepção de nos compreendermos como parte da grande complexa teia da vida, então estaremos inclinados a cuidar de toda a natureza viva como uma missão especialíssima.

O interesse pelo patrimônio natural comum da vida e da humanidade, hoje vastamente ameaçado, nos obriga a certos consensos mínimos. Da mesma forma, o agravamento da pobreza e da degradação do ambiente demandam um novo pacto ético da humanidade, sem o qual o futuro pode ser ameaçador para todos. Faz-se necessário uma re-educação da humanidade, para que possa ao mesmo

tempo satisfazer suas necessidades com a exuberância da natureza e chegar a uma convivência fraterna com ela.

É preciso, pois como já foi dito uma nova compreensão do próprio ser humano, um modo diferente de construir o discurso ético embasado no conceito adotado em nossa dissertação como respeito e cuidado, ou seja, é necessário uma visão renovada da natureza como criação de Deus, com uma nova visão de mundo que reconheça o valor inerente da vida humana e não humana, preferencialmente por aqueles que estão excluídos da vida. Lembramos do ser humano pobre e empobrecido, que vive uma não-vida, degradante e humilhante. Pobre esse que não reflete em si a grandeza da vida do criador, pois lhe foi tirado tudo, inclusive o direito fundamental à vida.

Propomos uma ética bioecocêntrica que nos leve a integrar o equilíbrio dinâmico, na teia das relações globais, numa perspectiva de manutenção do todo, lastreada na co-responsabilidade. Ela deverá ter como conteúdo central a preservação e reprodução da vida, suscitando atitudes e formando o caráter dos agentes humanos, com uma conscientização ecológica cultural e com a transformação da sensibilidade humana em prol da vida, sobretudo compreendendo a vida a partir de quem não a tem em abundância, os pobres e excluídos.

Portanto, é mister necessário uma personalidade moral, configurada em atitudes de sensibilidade ecológica e reforçada por uma cultura ética correspondente, tenha força para fazer frente a uma cultura do consumismo, do desperdício e da indiferença diante da natureza e da vida do pobre espoliado de todas as suas potencialidades e possibilidades latentes.

Assim a norma primordial do respeito pela vida é e deverá ser a vida mesma em seu sentido mais amplo, considerando todas as inter-relações que a envolva. Será preciso propor soluções adequadas e eficazes para a ação humana frente à natureza, buscando recuperar o sentido da fraternidade, da solidariedade e primordialmente o sentido espiritual-social-natural da vida de modo integrado.